

Cara Senhora Anke Fuchs

Presidente da Fundação Ebert

Caro António Vitorino

Presidente da Fundação Res Publica

Senhoras e Senhores

1. Começo por saudar respeitosamente a Senhora Anke Fuchs – que se deslocou especialmente a Lisboa para participar neste colóquio – e o meu amigo Reinhard Naumann, que o organizou, bem como António Vitorino, que nos deram a honra de querer que este colóquio internacional se realizasse aqui, na Fundação que represento.

2. Permitam-me que diga umas palavras para introduzir a temática – o futuro da Europa – no momento internacional de múltiplas crises que a Europa atravessa. E que seja sincero ao partilhar convosco as minhas preocupações, como europeísta convicto que sou.

3. A Europa está de novo num impasse institucional e, assim, provavelmente, ficará até Janeiro de 2010. Jean-Claude Juncker, um dos dirigentes europeus que mais admiro, o disse-o num think tank recente.

4. Num momento de crise global de múltiplas vertentes – financeira, económica, energética, alimentar, ambiental e moral (ou de civilização) – é dramático que a União Europeia esteja paralisada e sem estratégia concertada, a médio e a longo prazo. A maioria dos dirigentes europeus continuam num estado de apatia e subserviência em relação à administração Bush, sem parecer dar-se conta de que a era que iniciou, chegou ao fim.

5. Ora a Europa precisa de ter uma estratégia concertada, mas autónoma, em relação aos Estados Unidos e, em consequência, políticas internas e externas consistentes e determinadas. Com uma visão de futuro ampla, que não se limite a resolver pontualmente as contradições entre os Estados membros, que vão surgindo.

6. A própria Alemanha, que tem uma política pró-europeia determinada – graças, em parte, ao europeísmo da Senhora Merkel – não consegue desviar a maioria dos seus parceiros europeus de um oportunismo de vistas curtas, alimentado por interesses imediatos e, mais ou menos, nacionalistas.

7. Será que os cidadãos europeus estão informados de como os seus dirigentes encaram - não tendo uma estratégia concertada – defender a União, tanto quanto possível, da crise global que aí está? Será que sabem qual o futuro da NATO, que se tornou num braço armado dos americanos, e que está a transformar a invasão do Afeganistão num desastre de maiores proporções do que o Iraque? E quanto a políticas comuns europeias no que respeita à crise energética? Alimentar? Ambiental? E ética, que o mundo atravessa? E relativamente ao Próximo Oriente, à

América Latina, à África, que intervenções poderão fazer? Haverá estratégias concertadas para as ajudar, no caminho da paz e do desenvolvimento, para além das promessas meramente retóricas? Se há, porque não as discutem, os cidadãos europeus?

8. Será que a União Europeia, nos seus órgãos institucionais, está a debater políticas para ajudar a América do Norte a sair da crise em que se encontra – como o próprio Bush reconheceu, no fim de semana passado, quando disse (cito): “Íamos para um descalabro total”? Será que reconhece que o Ocidente – e, portanto, nós próprios, se não mudarmos o sistema – caminhamos para uma decadência fatal?

9. Os cidadãos europeus, em especial os mais conscientes, têm dúvidas fundamentadas sobre se a Europa ainda se pode tornar numa referência para o Mundo, como sonhámos. Por isso se desinteressam. E não deixa de ser estranho que as duas principais famílias políticas europeias – a democracia cristã e o socialismo democrático – que, em conjunto, deram um contributo decisivo para a construção da CEE e, depois, da União Europeia, estejam hoje, ao que parece, sem ideias estimulantes, capazes de mobilizar o entusiasmo dos cidadãos europeus, que se sintam como tais, e não só alemães, franceses ou espanhóis? E isso é o mais importante para recriar um novo élan europeísta que a União parece ter perdido e de que precisa, para se impor como actor global e de referência na cena internacional.

10. A União não pode ficar paralisada, pela segunda vez, por efeito do veto, do referendo irlandês, ao Tratado de Lisboa. Será que os dirigentes europeus têm consciência disso e estão dispostos a mudar o sistema institucional, de modo a que os Estados que querem prosseguir a construção europeia não sejam travados por aqueles que não querem? Schengen e o euro, como “cooperações reforçadas”, não nos estão a apontar o caminho a seguir?

11. Eis, Caros Amigos, um feixe de questões – haverá muitas mais - que precisam de resposta clara para debater a sério o futuro da Europa.

Muito obrigado!